

HISTÓRIA DE VIDA DE MESTRE PAULO JOSÉ DA SILVA

Por Marcio Antonio Tralci Filho



Em 16 de setembro de 1959, na cidade de Cabo de Santo Agostinho, estado de Pernambuco, nasceu Paulo José da Silva. Mestre Paulo não gosta de falar sobre sua infância, que foi bem sofrida, e também nunca havia comentado sobre sua vida nessa fase. Contudo, começou falando sobre seu pai, a quem não conheceu pessoalmente, nem por foto. Quando faleceu, Paulo tinha um ano de idade e era o caçula de quatro irmãos. Com essa idade não pode ter memória alguma dele. Seus dois irmãos mais velhos chegaram a conhecê-lo, mas Paulo e a irmã, que tinha por volta de dois anos, não se lembram. A ideia que possui sobre o pai provém das lembranças de sua mãe e das comparações que os irmãos faziam dele com outras pessoas. Paulo cresceu com isso na cabeça.

Sua mãe havia, portanto, ficado viúva com quatro filhos. Moravam em um sítio onde viviam do corte de cana e da roça. Até os seus 12 anos, Paulo praticamente não tinha estudado. Isso era ainda menos possível quando trabalhava no engenho. Além disso, a escola era muito longe e, quando chovia, não conseguia ir. O deslocamento ficava por conta dos carros de boi que originalmente carregavam cana. As crianças, por sua vez, esperavam por eles no meio da estrada. No entanto, às vezes eles passavam e não paravam para Paulo, seus irmãos e mesmo para os filhos de outras famílias que ali estavam. Sua mãe esperava até certo horário, pois tinha que ir trabalhar para sustentar os filhos; depois disso era uma vizinha que ficava com eles na beira da estrada. Em certos dias o carro de boi sequer passava e as crianças voltavam para casa sem terem ido para a aula. Ele tinha uns oito anos quando isso acontecia e se recorda que não era possível estudar como se estuda em uma escola de cidade grande.

Quando Paulo tinha 12 anos de idade, sua mãe se mudou do sítio para a cidade de Cabo de Santo Agostinho, atualmente muito bonita. Faz quase 40 anos que Paulo veio para São Paulo, mas já retornou duas vezes, sendo uma em 2012 e, inclusive, possui um representante do seu estilo de Kung Fu por lá. Na mudança para essa cidade, sua mãe se casou novamente e teve cinco filhos. Dos quatro da primeira geração, todos estão, pela dificuldade que passaram, maravilhosos: um possui sua própria empresa, outro uma padaria e Paulo a academia de Kung Fu, o único da família que trabalha nesse ramo. Mesmo os outros cinco irmãos que vieram depois estão bem, pois o segundo marido de sua mãe cuidou de todos os nove filhos até falecer, há dez anos.

Essa mudança para a cidade do Cabo foi acompanhada pelo primeiro contato de Paulo com uma arte marcial: o Karate. Essa aproximação foi mediada por um colega que comentou a respeito de uma academia que funcionava na cidade:

- Paulo, tem uma academia de Karate, tá num colégio.
- O que é Karate?
- É o que a gente assiste no cinema.

Paulo e os colegas se empolgavam muito para assistir aos filmes de Bruce Lee no cinema, que já existia em Cabo de Santo Agostinho. Eles não sabiam o que era Kung Fu e, mesmo que isso estivesse escrito no cartaz do filme, tudo era considerado Karate. E seu amigo continuou sobre as aulas que tinha visto:

- É, ficam com umas roupas brancas lá, treinando: “kiai, kiai, kiai”.
- Vamos lá ver o negócio – disse Paulo.

Chegando ao colégio, Paulo viu o professor ministrando a aula na quadra. Ele vinha de Recife para ensinar na cidade. Era o primeiro aluno do Mestre Hayashi Kawamura, o qual trouxe o Karate Shinkyu Shotokan para a capital pernambucana. Tempos depois, Paulo iria treinar com esse mestre também.

Nesse primeiro encontro, ele e os colegas olhavam por cima do muro da escola e até chegaram a fazer um buraco nele para espiar. Isso se repetiu por algumas vezes até um dia em que dois colegas, que estava treinando no colégio, os viram e, se aproximando por trás, interrogaram:

- O que vocês tão espionando aí?

De tão entretidos que estavam, os colegas tomaram um grande susto. Assim, os dois karatecas levaram os curiosos para dentro e falaram para o professor:

- Ó, esses moleques estavam vendo o treino lá.

O professor, sujeito baixo e um pouco calvo, se chamava Vanderlei e começou a mediar a situação:

- Não, deixa ele. Você quer assistir? Você mora aonde? Você quer treinar? Você vai treinar?
- Eu queria – disse Paulo.
- Eu também queria – aproveitou um colega.
- Mas tem que pagar.

Paulo havia pensado que as aulas eram de graça para pessoas carentes ou algo do tipo. Ao ouvir do professor o valor em cruzeiros das mensalidades, ele não soube o que fazer. Porém, um dos amigos que também desejava treinar, deu uma ideia:

- Sabe o que a gente pode fazer, Paulo? A gente pode caçar ferro velho, garrafa velha e vender. E a gente paga.
- E se a nossa mãe descobrir?
- Mas a gente sai cedo, fala que vai em algum lugar, pega uma carroça e vai vender. Tem muito colega que fica caçando papelão velho, essas coisas.

E foram. Quando chegaram ao depósito de ferro velho para retirar uma carrocinha, era necessário deixar algum documento e Paulo, aos 14 anos, não possuía nenhum, nem RG. Para resolver esse empecilho, pediu para o irmão mais velho, o que não tinha viajado para São Paulo, o seu documento emprestado. Quando soube das intenções de Paulo para com o Karate, o irmão disse:

- Mas tá certo isso aí? Vocês que é briguento, vai inventar essas coisas. A mãe não vai gostar porque aí que você vai brigar mesmo.

— Não, mas é muito legal. Por favor, ajuda a gente, me ajuda.

Conseguiu, finalmente, convencer o irmão que lhe emprestou o RG e saiu pelas ruas da cidade com o colega. Paulo puxando na frente e o amigo empurrando atrás a carroça cheia de ferro velho, garrafa e papelão. No primeiro dia, fizeram umas três viagens até o depósito. No segundo também. Hoje, Mestre Paulo vê as pessoas nas ruas fazendo a mesma coisa e pensa: “quem diria que eu já passei por isso, meu Deus?”. Em relação a isso, é muito sensível e se emociona facilmente, pois só quem já viveu nessas circunstâncias sabe o que é aquilo.

O dinheiro referente à venda do material recolhido somente era pago no final de semana e, em posse do montante, retornaram para o colégio onde se ensinava Karate. O professor, por sua vez, apresentou outro impedimento:

— Mas pra treinar precisa ter esse kimono.

Não era possível treinar nem de calça e nem de shorts. Em face disso, o professor sugeriu que ele deixasse a matrícula paga até conseguir um kimono. Além disso, se dispôs a trazer um de Recife que, conseqüentemente, deveria ser pago. Paulo logo se deu conta de que não tinha condições de comprar aquilo. Foi então que decidiu pedir para sua irmã, que era costureira:

— Olha, preciso de um kimono.

— O que é kimono?

Paulo, pois, pegou emprestado o uniforme de um dos colegas que treinavam – um dos dois que o flagraram espiando pelo muro – para mostrar para irmã do que se tratava. Um saco branco de farinha com um nome escrito em azul foi o tecido escolhido por ela para confeccioná-lo. Após um tratamento com cândida para retirar o colorido, a peça ficou muito bonita. O único problema é que, no primeiro chute que fosse dado, ele rasgaria. Mesmo assim o professor não questionou, mesmo porque muitos outros garotos que lá estavam também usavam o kimono de saco de farinha. Paulo não se sentiu sozinho.

Contudo, essa roupa não seria utilizada por muito tempo: seu irmão que havia se mudado para São Paulo quando a família foi morar em Cabo de Santo Agostinho logo ficou sabendo que o mais novo estava praticando Karate. Ele se espantou, pois sabia que um mestre da arte marcial havia chegado em Pernambuco por volta dos anos 70, logo após ele ter viajado. A notícia do irmão karateca o motivou a comprar um kimono de lona bom e bonito em uma casa de esportes e mandou para Paulo pelo correio. Quando ele recebeu a encomenda, a alegria foi grande: foi o melhor presente que havia ganhado até então. Logo foi até à quadra com o kimono novo e todos ficaram olhando para ele:

— Foi meu irmão que me deu de presente no meu aniversário.

Paulo nem havia feito aniversário, mas estava feliz com a lembrança do irmão. Na semana seguinte, fez o exame para a faixa amarela, no qual se saiu muito bem. Isso tudo em um momento em que mal sabia escrever seu nome e lia muito pouco. Seguiu, então, durante sete anos praticando até chegar à faixa roxa. Nessa mesma época, por volta de 1978, seu irmão que estava em São Paulo há oito anos e trabalhava como encarregado de uma empresa metalúrgica fez a seguinte proposta:

— Paulo, você completou dezoito anos e, se você quiser vir aqui para São Paulo, eu mando tua passagem, você vem pra cá.

Ele não pensou duas vezes e aceitou o convite. Chegou à capital paulista e foi trabalhar com o irmão sendo ajudante em mecânica. Posteriormente, teve o primeiro emprego com carteira assinada, na empresa de óleos Maria, no Ipiranga. Nessas empresas, Paulo aprendeu a profissão de encanador industrial, sem fazer qualquer curso, e ganhava muito bem. Começou como ajudante e passou para meio oficial de encanador. Tão logo entrou em contato com as artimanhas do cargo, foi registrado como encanador oficial. Assim, aprendeu muitas coisas sobre mecânica e metalurgia, como a soldagem, além de ganhar um bom dinheiro em uma época em que ainda era solteiro.

Morava também com o irmão na Rua dos Ingleses, no bairro da Bexiga, e desejava continuar com os treinamentos no Karate, pois havia chegado a uma graduação considerada avançada: faltava apenas a faixa marrom para chegar na preta. Contudo, o destino o fez se aproximar das artes marciais chinesas: na Rua dos Franceses, próximo ao prédio onde residiam, eram ministradas aulas de Kung Fu Pak Hok (白鶴 *Baak6 Hok6*), ou Garça Branca, por um chileno. Novamente o irmão lhe deu uma sugestão:

- Olha, tem uma academia de Kung Fu aqui.
- O que é Kung Fu?
- É o que você quer, não é Paulo?
- É Karate que eu quero.
- Mas é o que passa no filme. Veja. Não fui lá assistir ainda, mas eles gritam a noite inteira aí, praticamente. Vou apresentar você para o professor. Ele chama Miguel Angel de Luca. É um chileno, chegou no Brasil há pouco tempo.

Fazia pouco mais de um ano que estava no país e possuía apenas alguns poucos alunos naquele prédio. O irmão de Paulo fez a apresentação dos dois conforme o combinado:

- Esse aí é meu irmão que eu falei que vinha de Pernambuco e que treina Karate.

Mestre Miguel perguntou em qual faixa Paulo estava e, após ouvir a resposta, lhe fez um pedido:

- Dá pra você fazer um kata¹ aqui, pro Sifu de Kung Fu ver?
- Dá.

Executou com toda a força que o Karate demanda de seus praticantes (Mestre Paulo ainda admira muito essa arte e, mesmo não a praticando há muito tempo, ainda não esqueceu nem os costumes, nem os nomes japoneses das técnicas). Mestre Miguel pediu, então, para um aluno seu, um menino, realizar uma forma do Kung Fu:

- Esse é o do Kung Fu.

Era uma forma baseada nos movimentos da serpente e Paulo ficou muito empolgado ao ver: era rápido e o rapaz subia e descia de modo que se parecia muito com o animal. Isso lhe chamou muito a atenção. O mestre perguntou se ele não gostaria de fazer uma aula gratuita no dia seguinte. Paulo foi, mas não gostou. Na

¹ “Kata” é o nome dado à sequência de movimentos que permite ao praticante incorporar princípios e técnicas das artes marciais. É o equivalente do Taolu (套路 *Tàolù*) das artes marciais chinesas.

segunda aula a mesma coisa. Acabou ficando apenas uma semana. Um dia, Miguel encontrou o irmão e perguntou:

— Cadê o Paulo? Ele não gostou do Kung Fu?

— Ele falou que não gostou, não. Como ele está acostumado no Karate, e ele está procurando academia.

Paulo, então, ficou umas três semanas procurando academias do estilo de Karate que praticava em Pernambuco, o Shotokan, e não encontrava. Quando via uma escola de Karate, se deparava com outras denominações, como Kyokushin-kai e Goju-ryu. Paulo acabou desistindo da busca e retornou às aulas de Mestre Miguel de Luca para nunca mais sair do Kung Fu. Se tivesse localizado uma academia de Shotokan, certamente teria continuado no Karate, mas Mestre Paulo acredita que não ter encontrado foi um fato positivo, pois atualmente o Kung Fu é uma paixão. Está no sangue.

Contudo, essa arte nem sempre lhe trouxe momentos bons: foi nela que foi alvo do preconceito sofrido por jovens negros e nordestinos em São Paulo. Mestre Paulo considera que até hoje em dia ainda existe o preconceito contra nordestinos, mas que antes era bem pior. A academia de Mestre Miguel era freqüentada por muitos jovens que tinham muito dinheiro, os “filhinhos de papai” que são chamados de “boyzinhos” hoje em dia. Em uma ocasião, o mestre pediu para que os alunos realizassem um exercício de técnica de mãos em duplas. O sujeito mais próximo de Paulo se distanciou dele e foi fazer com outro parceiro. Paulo, por sua vez, perguntou se outro aluno não gostaria de fazer a atividade e foi novamente rejeitado. Ele não entendia muito bem o que estava acontecendo ali. Mestre Miguel, notando que Paulo fazia os movimentos sozinho, falou:

— Paulo, vem aqui. Faz aqui com ele.

O menino veio, mas só porque o mestre pediu. Não olhava para Paulo e fazia os exercícios com o rosto virado. A partir dessa experiência ele tomou consciência do que se tratava: não sabia dizer se é pelo fato de ser negro ou nordestino, mas sentiu na pele o que é o preconceito e racismo. Isso se repetiu por umas duas vezes. Os únicos que se voluntariavam a fazer as técnicas em dupla com Paulo eram os alunos que ele percebia como trabalhadores. Indignado com a situação, no momento em que iria pagar a mensalidade para o mestre, disse:

— Tem uns meninos que não querem fazer o exercício comigo, eles apertam a mão de todo mundo, mas não apertam a minha mão, nem a do outro rapaz que tem aí também, que é branco, mas é nordestino.

— Quem é?

— Tem uns dois ou três ali.

Quando Paulo falou os nomes, Mestre Miguel, no intuito de resolver a questão, propôs o seguinte:

— Quando terminar a aula, vou colocar você na frente, vou pedir para eles fazerem um combate com você.

— Tá bom.

Com sete anos de experiência no Karate, Paulo estava confiante e se considerava muito forte e preparado. No final da aula, o mestre anunciou:

— Hoje vamos fazer um combate. Um combate de contato total. Então, o Paulo vai fazer um combate com você, depois vai pegar de um em um e fazer combate. Tudo bem, Paulo?

Paulo já sabia, mas, aqueles que foram desafiados, temeram. “Vem você primeiro”, convocou Mestre Miguel. O rapaz, com o cabelo arrumado para trás, se pronunciou vacilante:

- Eu não gosto de fazer combate, só gosto de forma.
- Não, aqui não tem o que gostar – respondeu o mestre.

O combate começou e, depois de quatro golpes na coxa, o “boyzinho” não agüentou e caiu. O seguinte, que já ficou com medo, também não suportou. Acabou derrubando uns três colegas de treino e Mestre Miguel fez prevalecer o respeito, ponderando que eles não haviam apanhado por acaso e que Paulo já era um praticante muito bom de Karate. A partir desse evento, as relações mudaram: pouco tempo depois, todos queriam treinar técnicas com Paulo. Além disso, o mestre começou a incumbi-lo da liderança de parte das aulas, como o aquecimento, o que conferiu ainda mais respeito a ele por parte dos outros alunos.

Por conta da participação em eventos e campeonatos e de sua experiência prévia no Karate, Paulo ficou muito bom no Kung Fu com apenas dois anos de prática. Treinou com Mestre Miguel até 1985, ano em que ele teve que retornar para o Chile, deixando Paulo como responsável pelo estilo Garça Branca no Brasil. Esse retorno foi provocado por motivos alheios à vontade do mestre: Miguel Angel de Luca estava com problemas com sua documentação e era considerado clandestino no país por, pelo menos, dois anos antes do retorno. Houve, inclusive, fiscais do governo federal que visitaram a academia para anunciar que Miguel teria certo período de tempo para deixar o Brasil sob a pena de prisão. Os alunos começaram a notar que o mestre já não mais estava saindo à noite, levando-o a freqüentar cada vez menos academia, mesmo com o crescimento desta.

Mesmo após receber todas as instruções de seu mestre sobre como proceder para manter a academia, Paulo decidiu que não assumiria a liderança do lugar, pois tinha certeza que a maioria dos alunos não continuaria com ele e, com isso, não conseguiria pagar o aluguel, o qual era muito caro na Bela Vista. Assim, se ofereceu para ministrar aulas em uma academia no mesmo bairro e convidou seus alunos e colegas:

— Olha, não vai dar para ficar aqui, quem quiser vir comigo me acompanha, que eu vou dar aula numa academia.

Eram 60 pessoas que estavam com Mestre Miguel. Destas, dez seguiram Paulo. Posteriormente, transferiu suas aulas para Santo Amaro, na Zona Sul, abrindo uma academia em um salão próprio. Com isso, novos alunos começaram a aparecer em uma dinâmica diferente, pois estes não haviam treinado com Miguel e estavam acostumados apenas com o Paulo. Dessa época, oito foram graduados na faixa preta do estilo Garça Branca e possuem academias em cidades do interior do estado de São Paulo, como Americana, Santa Bárbara D’Oeste e Birigui. Atualmente, Mestre Paulo ensina esse estilo somente para essas pessoas, que o visitam uma vez por mês para treinar o dia inteiro.

Após dois anos de ausência do mestre, Paulo decidiu, em 1987, visitá-lo com o intuito de treinar mais e manter o contato. Foi de ônibus em uma viagem de quatro dias: 60 horas somando ida e volta. Um castigo! Tanto que ele não viaja mais de ônibus, a não ser pelo estado de São Paulo, em lugares onde não é possível ir de

avião. Além do cansaço, foi bastante difícil chegar em um país pela primeira vez, de madrugada, na rodoviária, com quase todos os estabelecimentos fechados e sem a recepção de ninguém. Mestre Miguel sabia, por meio de correspondências postais, que Paulo iria para o Chile, mas não sabia a data nem o horário, uma vez que as trocas pelo correio demoravam em torno de um mês para acontecer.

Após passar a noite em um banco da rodoviária sem dormir profundamente por conta do medo, se levantou por volta das sete horas para conversar com um segurança e perguntar sobre as direções do lugar para onde queria ir. Também quis saber se havia algum taxista de confiança por ali. Apontando um carro, o rapaz indicou: “Olha, pega esse taxi. Desse lado aqui os taxistas são mais honestos”. E deu risada. Paulo mal entendia o que os chilenos diziam.

Além do encontro com o mestre, Paulo foi ao Chile para participar de um campeonato internacional em Santiago, no qual obteve bons resultados, sendo campeão tanto na modalidade de formas, quanto no combate. Contudo, outra preocupação de Paulo em relação à viagem dizia respeito ao preconceito racial que poderia sofrer por lá. Inclusive, ele não avistava nenhum negro no país. Perguntou, então, para seu mestre os motivos dessa situação, ao que ele respondeu:

— Não é só negro, Paulo, você não vê chinês aqui, não vê japonês. Os caras ficam aqui no máximo três meses. É a licença que eles têm. Chegou um japonês aqui, abriu um restaurante aí, não ficou seis meses, foram embora, porque chileno não ia comprar deles, não ia no restaurante deles. Preferiam ir num restaurante da casa, do Chile mesmo, coisa assim. Então não é que nem o Brasil que chega todo mundo lá e que fica e se sai bem, tipo de coisa assim, o Brasil abraça todo mundo.

O Chile é um país pequeno e o governo, na época, do Pinochet era muito rígido, acostumado a matar muita gente. Como não era fácil se manter no Chile nessas circunstâncias, as pessoas não ficavam. Porém, dessa primeira vez que Paulo viajou ao país, permaneceu por três meses e não sentiu racismo ou preconceito, mas admiração: ele era o diferente e todos queriam olhar e conversar. Uma dessas ocasiões ocorreu quando Paulo conversava com um pai de dois filhos de sete e nove anos, os quais abordaram o brasileiro:

— ¿Permiso?
— Tudo bem.

Os garotos queriam tocar-lhe o cabelo e, enquanto faziam, o pai foi falando em espanhol que os filhos estavam curiosos, pois no Chile as pessoas tinham o cabelo bem preto e liso. Paulo também aproveitava essas situações para se aproximar deles e aprender a falar melhor. Não percebia preconceito nessas ações, sendo que a mesma admiração voltou a ocorrer em visitas posteriores que fez à China, onde foi bem recebido e, após realizar uma apresentação em que estavam por volta de 70 chineses na mesa de honra, foi aplaudido de pé por mais de um minuto. Além disso, recebeu homenagens de cada um deles através de flâmulas. Isso porque o que chega do Brasil para os chineses são o futebol e o carnaval. É a primeira coisa que perguntam. Não sabiam, pelo menos até então, que também existem mestres brasileiros de Kung Fu de bom nível técnico. Diante disso, Mestre Paulo não tem mais qualquer receio ou vergonha de fazer uma apresentação para ninguém.

Após essa primeira visita à terra natal de seu mestre, Paulo retornou ao país dez anos depois, em 1997. No entanto, a motivação da viagem, dessa vez realizada de avião, foi outra: tinha a intenção de começar a fazer um trabalho separado, pois acreditava que, tecnicamente, não poderia aprender mais com Mestre Miguel.

Conversaram em um clima amistoso e Paulo explicou a situação, mas, de fato, seu mestre não tinha mais nada para lhe ensinar dentro do sistema difundido por ele enquanto estava no Brasil. O próprio mestre, ciente da situação, resolveu mudar esse sistema dois anos após o retorno ao Chile, modificando técnicas do estilo Garça Branca (também conhecido como Cegonha Branca) e adotando até uma denominação diferente, Tsung Chiao.

Paulo não se sentiu muito bem com as alterações e achou melhor não continuar com seu mestre. Este, por sua vez, considerou o esforço da realização da viagem exclusivamente para conversar sobre a relação entre eles uma demonstração de honestidade. Tal reciprocidade se refletiu em apresentações realizadas por Paulo no país, nas quais demonstrava habilidade no manuseio de um facão afiado com os olhos vendados, resultando em matérias publicadas em dois jornais chilenos, sendo que o da seção esportiva do “La Cuarta” fez sucesso. A mesma apresentação também chamou muito a atenção dos chineses em outra oportunidade.

No intervalo entre uma viagem e outra, além da decisão de não ter mais carteira assinada para se dedicar exclusivamente à academia, mesmo estando casado e com filhos, Paulo participou juntamente com outros mestres da fundação, em 1989, da Federação Paulista de Kung Fu, na qual trabalhou por oito anos, e da Confederação Brasileira de Kung Fu/Wushu, em que permaneceu por quatro anos. Entre eles estava Leo Imamura, o qual foi um personagem importante no apoio à criação das entidades. Durante o tempo em que esteve na FPKF, Mestre Paulo se sente honrado por ter trabalhado com ele e lhe deve grande parte do sucesso que tem atualmente no Kung Fu.

Todavia, a sua participação na criação das entidades foi marcada por outra experiência de racismo. Mestre Paulo nunca havia divulgado esse fato, mas quem estava envolvido sabe a respeito. Na segunda reunião para a fundação da Confederação Brasileira, em um restaurante chinês de Moema, estavam vários chineses e brasileiros, dentre eles o Enio Cuono – sujeito simpático, seria o primeiro presidente e um dos grandes apoiadores da Federação – e Leo Imamura, o qual fora apresentado a ele por Cuono. Estavam também Thomaz Chan e os Mestres Li Wing Kay, Li Hon Ki, Dani Hu e Chan Kowk Wai, entre outros. Paulo era o único negro.

Os chineses estavam todos de um lado da mesa e, quando Paulo chegou, um disse, em chinês, para outro:

— A Confederação já não está começando bem. Um negro na diretoria.

Paulo soube dessa declaração em outra oportunidade por intermédio de um dos chineses, que era seu amigo:

— Mestre Paulo, aconteceu isso. Se você quiser, já fala agora e fala na cara dos caras aí. Porque você é bem vindo aqui. No que depender de mim e dos outros, você é bem vindo. Você é um cara honesto, é um cara sério no que faz. Você já está aí no Kung Fu há muitos anos.

Se em 2012, Mestre Paulo completou 40 anos de dedicação às artes marciais, somando Karate e Kung Fu, em 1990 já eram quase 20. A sugestão do amigo sobre a abertura de um processo contra o chinês foi recusada por Paulo:

— Não, deixa de lado. Eu realmente tô começando agora, tô vindo aí, tudo bem.

— Você está junto com a gente. É a segunda reunião da Confederação. Você teve desde a primeira, que foi na academia do Chan Kowk Wai.

A terceira reunião ocorreu na academia de Paulo, mas, além dessa demonstração explícita de racismo, outras mais sutis também ocorreram. Na realização de campeonatos da Federação ou da Confederação, notava que certas pessoas se afastavam deliberadamente e mudavam a expressão facial quando ele se aproximava. Isso acontecia com os chineses, não com os brasileiros. Paulo não relevava essas atitudes, que se repetiram umas quatro ou cinco vezes, mas percebia que sua presença não era bem-vinda ali.

Essas manifestações foram amenizadas apenas após a filiação de Paulo com um mestre chinês. Alguns desses que o discriminavam vieram lhe procurar para marcar uma reunião, um almoço em homenagem ao seu mestre. Além disso, foram convidados – e, por vezes, até homenageados – por Paulo para compor mesas de honra em campeonatos organizados por ele, o qual os convidava para evidenciar sobre a reviravolta das coisas, pois talvez nunca tivessem pensado que Paulo pudesse chegar aonde chegou.

Nos dias de hoje, Paulo consegue se comunicar um pouco melhor e não guarda rancor, mas à época esses episódios poderiam ter lhe deixado doente, pois guardava as emoções para si e não colocava para fora. Era possível até que ele tivesse que ir para o hospital por conta da pressão baixa. Não dormia à noite, pensando nos motivos que levaram as pessoas a agirem daquele modo, uma vez que nunca fez mal a ninguém. Se atualmente ele ignora ou faz questão de conversar com a pessoa, isso é motivado politicamente. Mesmo porque isso não acontece mais. Se acontecer, as pessoas não demonstram. Antigamente era muito explícito, sentia-se na pele, mas hoje em dia fica difícil de saber.

Além da Federação Paulista e da Confederação Brasileira, Mestre Paulo também se envolveu com outra entidade do Kung Fu no Brasil. Dez anos após as reuniões que contaram com as manifestações de racismo, foi fundada a Liga Nacional de Artes Marciais e Esporte de Contato, pelo mestre de Taekwondo Yeo Jin Kim, um grande amigo de Paulo. No final do ano de 2004, ele recebeu uma proposta para assumir a liga, que corria o risco de ser fechada, pois a intenção do mestre coreano era fundar uma Liga Nacional de Taekwondo. Paulo, que já havia se desligado da Federação Paulista, pediu orientação para alguns amigos, inclusive o Sifu Leo Imamura, para saber como poderia proceder. Bem encaminhado, teve coragem e assumiu a presidência da instituição, com o nome de Liga Nacional de Kung Fu, no começo de 2005. Mestre Paulo ocupa esse cargo há quase oito anos e a LNKF é uma das entidades que mais cresce no Brasil com um trabalho extraordinário, angariando patrocinadores e apoio do governo federal, através do Ministério do Esporte.

À época da criação da Liga e pouco depois de se desligar do Mestre Miguel, Paulo viveu outro momento que iria transformar sua relação com as artes marciais e que seria uma das maiores conquistas de sua vida marcial. Em 1999, Paulo teve a oportunidade de conhecer o Grão-Mestre Chiu Chi Ling (趙志凌 *Jiu6 Ji3 Ling4*) nos Estados Unidos. Em uma viagem, a convite de um aluno, à cidade de São Francisco na Califórnia, avistou uma academia do estilo Hung Gar com o nome do Mestre David Lee em uma avenida. Como Paulo já conhecia um pouco da língua chinesa, conseguiu identificar que se tratava de uma escola de Kung Fu, uma vez que não havia nada escrito em inglês. Estavam de carro e viraram no retorno seguinte para se dirigir até o local com o intuito de obter mais informações a respeito de quem era esse mestre. Logo ao entrar foi possível observar uma foto muito grande do Grão-Mestre Chiu Chi Ling, o que lhe despertou certas lembranças:

— Acho que esse mestre já fez filme de Kung Fu – disse ao seu aluno.

Perguntou, então, para a secretária quem era o mestre daquela academia. Ela, por sua vez, respondeu que era o Mestre David Lee e que o mestre dele era o senhor da foto. Além disso, informou que no dia seguinte, um domingo, esse mestre ministraria um seminário e que ambos estavam convidados a participar. A viagem de volta para o Brasil estava marcada para o mesmo dia do evento, às oito horas da noite e, devido a isso, Paulo pensou que não poderia estar. A secretária insistiu: “o seminário vai começar às 10 da manhã e vai mais ou menos até as 14 horas, então se você quiser participar você pode preencher aqui a ficha”. Além disso, havia uma taxa de aproximadamente 120 dólares. O aluno também lhe motivou:

— Paulo, participa, porque aí eu vou fazendo o que tem que fazer e você fica aqui participando desse seminário. Acho que é importante pra você, é mais no currículo, é mais uma experiência que você vai adquirir.

Paulo fez a inscrição e a secretária disse que havia um brasileiro que fazia aulas na academia e era do estado de Minas Gerais. Ele poderia auxiliá-lo com o inglês, pois estava no país havia cinco anos. Quando chegou às 10 horas da manhã do dia seguinte, o brasileiro já sabia de Paulo por intermédio da secretária. Eles não se conheciam, pois só começou a praticar artes marciais nos EUA, mas ele, de fato, o ajudou bastante na comunicação e lhe apresentou ao Mestre David Lee e ao Grão-Mestre Chiu Chi Ling, falando muito bem de Paulo.

Após o seminário, Paulo fez a proposta ao Grão-Mestre a respeito de ser representante do estilo Hung Gar no Brasil. Mesmo praticando o estilo Garça Branca, Paulo tinha uma paixão pelo Hung Gar, do qual teve contato com algumas técnicas no Brasil com o Mestre Aparecido de Souza Soares, o Mestre Cido. Após ouvir a oferta, Chiu Chi Ling disse:

— Tudo bem, eu aceito. Só que você vai ter que seguir um regulamento. Esses são os requisitos necessários para você ser um representante da Internacional Chiu Chi Ling Hung Gar Kung Fu.

De volta ao Brasil, Paulo estudou a proposta e enviou uma carta ao Grão-Mestre na qual aceitaria todas as condições. Em primeiro lugar, a maior dificuldade foi mudar o nome do estilo e o nome da associação. Fazia 20 anos que Paulo liderava a Associação Pak Hok de Kung Fu Shaolin e deveria alterar seu nome para Internacional Chiu Chi Ling Hung Gar Kung Fu do Brasil, para o devido aceite do mestre. Toda a documentação foi alterada e Paulo teve que conversar com muitos alunos sobre a mudança. A partir disso, em novo contato com o Mestre Chiu Chi Ling, ele disse:

— Você vai ser oficializado como meu representante, inclusive da América do Sul, no dia em que você me levar para o Brasil.

Tudo isso ocorreu em 2000 e em 2003 ele esteve pela primeira vez no país, no ano da criação da Copa Brasil Internacional de Kung Fu (International Cup Brazil of Kung Fu Championship), que estava, em 2013, na sua décima primeira edição e é um dos maiores eventos do tipo, além de possuir uma revista própria. Além da mudança do nome da associação, havia a necessidade do candidato a representante possuir ao menos uma academia – Paulo, àquela época, possuía sete – e, finalmente, o contrato estabelecido entre eles previa que o discípulo deveria trazer o mestre ao Brasil uma vez por ano, bem como visitar a China a cada dois. Desde então, o Mestre Chiu Chi Ling já esteve no país cinco vezes e poderia estar pela sexta vez em novembro de 2013 para a Copa se não fosse pelas gravações de um filme na China e em Taiwan.

Não houve nenhuma cerimônia para formalizar a relação entre mestre e discípulo, bem como não houve qualquer restrição baseada em preconceito ou racismo, algo que já havia acontecido com Paulo anteriormente. Contudo, a aceitação de Chiu Chi Ling se deu, em parte, por motivos que vão além dessas condições impostas. O mestre chinês já tinha visto matérias com Paulo em revistas de artes marciais como Combat Sports, Ninja e Impact. O brasileiro havia saído em várias dessas na matéria de capa. Na própria academia da Califórnia havia uma edição antiga da Revista Kiai, com Leo Imamura na capa, em que Paulo também estava. Quando a viu, até pensou que fora Mestre Leo que havia trazido em suas viagens. Naquele primeiro encontro, Grão-Mestre Chiu Chi Ling suspeitou que já tinha lido algo sobre Paulo e, ao avistar a revista, lembrou:

— Sabia que tinha matéria sua em alguma revista aqui.

Em todo esse trâmite, a maior dificuldade foi em relação à comunicação. Paulo não falava tão bem o inglês, mas, com o passar do tempo e com seus estudos sobre a língua chinesa, começou a conseguir conversar um pouco em chinês, mas os diálogos ficavam dificultados pela questão da pronúncia e as diferenças entre o mandarim, que estudava, e o cantonês, falado pelo mestre. No entanto, esse problema era resolvido quando eles escreviam, pois os caracteres chineses são os mesmos, tanto para o cantonês quanto para o mandarim.

Com todos os requisitos cumpridos, ele passou a ter aulas com o Grão-Mestre Chiu Chi Ling toda vez que este viajava ao Brasil para ministrar seus seminários. Desse modo, tanto Paulo quanto seus alunos treinavam juntos e muitos deles já conquistaram a faixa preta. Esse trabalho é continuado com o material didático fornecido pelo mestre contendo apostilas e vídeos com as técnicas do estilo exclusivamente para o treinamento de graduados na faixa preta. Assim, ele participava das avaliações do sistema e, particularmente, não teve muita dificuldade para aprender as técnicas. Além disso, Paulo participava de apresentações juntamente com seu mestre.

Em suas passagens pelo Brasil, Mestre Chiu Chi Ling chama muito a atenção de todos. Ele faz questão de aparecer em vídeos e fotografias com as pessoas. Entrevistas são eventos nos quais tem muita desenvoltura, ao contrário de Mestre Paulo, que é muito tímido. Essa desinibição de Chiu Chi Ling foi vista inicialmente com desconfiança por ele, uma vez que pensava ser possível o chinês ludibriá-lo por não falar em português. Essa hesitação também se estendeu aos primeiros anos de convivência em relação aos motivos que o fizeram escolher Paulo e não outros: “Com tantas pessoas com uma condição financeira melhor do que a minha, como ele me aceitou assim? Qual a intenção?”.

Entretanto, com o passar do tempo, Paulo percebeu que a ligação entre eles ia além das questões econômicas do contrato estabelecido. Isso ficou mais evidente quando muitas pessoas no Brasil, inclusive chineses, foram procurar Chiu Chi Ling a fim de serem seus representantes e o mestre respondeu a todos: “Não, o meu representante hoje é o Sifu Paulo”. Mesmo possuindo representantes em mais de 70 países, como Itália, Suíça, Canadá, Hong Kong, Cingapura, Malásia, Filipinas e Japão, ele não se furta de falar positivamente sobre o trabalho realizado no Brasil, divulgando-o ao redor do mundo através, por exemplo, da utilização do uniforme da Internacional Chiu Chi Ling Hung Gar Kung Fu do Brasil em vídeos institucionais. Mestre Paulo fica muito honrado e agradecido pelo apoio e seriedade de Grão-Mestre Chiu Chi Ling.

Contudo, mesmo com todo esse envolvimento com o mestre chinês, Paulo não se esqueceu de seu mestre chileno. Em 2002, após entrar em contato com Chiu Chi Ling, anunciou para Miguel de Luca:

— Consegui um mestre de Hung Gar e em 2003 estou trazendo aqui no Brasil. Você não quer vir?

— Não, as coisas estão muito difíceis aqui, não dá para ir agora. Mas isso é muito bom!

Contudo, em 2006, Paulo finalmente conseguiu trazer Mestre Miguel – pagando todas as suas despesas com a viagem – para prestigiar a Copa Brasil de Kung Fu e conhecer o Grão-Mestre Chiu Chi Ling. A presença dos dois no evento foi um sucesso e Paulo apresentou-os do seguinte modo:

— Esse foi meu primeiro mestre de Kung Fu estilo Garça Branca e hoje esse é meu mestre de Kung Fu estilo Hung Gar.

Pelo fato de Mestre Miguel ter voltado para Chile muito rapidamente, deixando Paulo sozinho, muitos pensaram que ele tinha criado o sistema por si mesmo e duvidavam da existência de um mestre chileno. Outra situação curiosa da relação com os dois mestres é que ambos participaram de produções cinematográficas. Miguel foi ator nos filmes chilenos “Kiltro”, lançado também no Japão e EUA, e “Mirageman”. A produção do primeiro foi ótima e Mestre Miguel teve uma boa participação nele, sendo que Mestre Paulo já o exibiu em DVD diversas vezes para seus alunos. E Mestre Chiu Chi Ling é um ator espetacular e já participou em mais de 60 filmes de Kung Fu, inclusive atuando com Jackie Chan, Jet Li e Sammo Hung.

Com ele, Paulo também realizou duas viagens à China em 2008 e 2010. A primeira delas durou 28 dias. Mesmo já tendo viajado bastante, a primeira vez no país de origem do Kung Fu foi uma experiência única. Grão-Mestre Chiu Chi Ling fez questão de levá-lo, com outros 47 discípulos, em diversas cidades na região mais ao sul do continente. Nas proximidades de Foshan (佛山 *Fóshān*), conheceram os Museus de Wong Fei Hung (黃飛鴻 *Wong4 Fei1 Hung4*), de Ip Man (葉問 *Yip6 Man6*) e de Bruce Lee. Após oito horas de viagem de ônibus, chegaram à cidade onde está o templo em que foi fundado o estilo da Graça Branca de Fukien (福建 *Fújiàn*). Com bases também no Tibete (Garça Branca Tibetana), o estilo foi posteriormente desenvolvido nessa cidade e incorporado ao Hung Gar, sendo possível observar essa fusão em seu taolu Fu Hok (虎鶴雙形拳 *Fu2 Hok6 Seung1 Ying4 Kyun4*). Na cidade de Guangzhou (廣州 *Guǎngzhōu*), visitaram uma universidade que ensinava o Wushu Moderno, onde praticaram brevemente com os mestres. De lá foram para a cidade de Jiangmen (江門 *Jiāngmén*) e, novamente, Fukien (福建 *Fújiàn*). Paulo participou também de apresentações com os chineses de outras escolas de artes marciais, os quais ficaram admirados com a sua capacidade técnica.

Essa primeira viagem também foi marcada por novo encontro com Mestre Miguel de Luca, convidado por Paulo para visitar o país. Ainda no Brasil, convidou seu primeiro mestre:

— Miguel, estou indo para China pela primeira vez com meu mestre Chiu Chi Ling, você não quer ir? Quem sabe você não pode representar o Hung Gar no Chile.

— Mas você é o representante na América do Sul.

— Não, mas o senhor foi meu mestre. Não pode ser meu representante. Acho que deve haver esse respeito, essa hierarquia.

— E quando vai ser?

— Vai ser em janeiro, dia 10. A gente vai se encontrar em Hong Kong. Se você quiser, eu entro em contato com o Grão-Mestre Chiu Chi Ling e ele pode mandar um convite oficial para você, até mesmo para conseguir o visto para entrar na China. A gente se encontra no hotel e no dia seguinte vamos para a China.

Mestre Miguel gostou muito da idéia, ficou empolgado com a viagem e até mesmo declarou que não esperava por uma proposta dessas de Paulo. Após conseguir patrocínios, conseguiu obter dinheiro para ir à China e, conforme o planejado, entraram na China por Hong Kong e visitaram o país juntos. Após a viagem, Mestre Miguel também conseguiu obter autorização do Grão-Mestre Chiu Chi Ling para representar o Hung Gar no Chile, estilo que continua ensinando por lá. “Uma mão lava a outra, esse é o ditado”. A relação entre eles foi ótima e Paulo aprendeu bastante com seu primeiro mestre, uma pessoa excelente e muito inteligente.

A segunda viagem à China ocorreu por um período de 15 dias. Já mais acostumado ao país, visitaram primeiramente locais ao norte e voltaram ao sul para conhecer outros tempos, como os das Montanhas Wudang (武當山 *Wūdāng Shān*). Paulo notou que o governo chinês havia reconstruído muitos templos com propósitos turísticos, inclusive aquele famoso de Fukien. Observava, pois, muita atividade comercial no entorno, como se fossem os camelôs que conhecemos. Muitos deles vendiam certificados e uniformes. Assim, torna-se possível que alguém compre esses documentos assinados por pessoas que se dizem monges e passe a afirmar que pertence a alguma geração da transmissão de determinado sistema de artes marciais chinesas.

Tal situação é muito comum no conhecido Templo Shaolin. Esse lugar inspira muitos praticantes a pensar que lá existem monges dedicados ao treinamento das artes marciais do mesmo modo que os antepassados, porém, nos dias atuais, muitas pessoas são contratadas unicamente para fazer apresentações como monges do templo. É possível ver vários cartazes anunciando os seus shows em todo o território da China. Mestre Paulo acredita, então, que o governo chinês alterou o aspecto marcial original do Templo Shaolin e isso se expandiu ao redor do mundo. A repercussão dessas transformações se reflete em jovens que, após poucos anos de prática, desejam abrir sua própria academia ou querem se graduar diretamente na faixa preta. Mestre Paulo acredita esses anseios à força que o modelo adotado pelo Templo Shaolin exerce sobre os alunos mais novos. Tal situação é bastante difícil de conter e se trata de algo que se deve conviver. Mesmo as confederações, federações e outras entidades não possuem o poder de delegar ou dispor de dispositivos legais sobre tais assuntos.

Algo nesse sentido tentou ser realizado pelo sistema CREF/CONFED (respectivamente, Conselhos Regionais de Educação Física e Conselho Federal de Educação Física). Os Conselhos entraram com uma lei na qual todos os mestres de artes marciais teriam que estar vinculados a eles, após a realização de cursos específicos. Para tanto, estabeleceram um acordo com as federações em que estas indicariam os instrutores, professores e mestres que poderiam participar desses cursos. Paulo participou do processo quando estava na Federação Paulista. Leo Imamura era o presidente à época e já estava adiantado no que se refere ao cadastro dos membros filiados que participariam dos cursos.

A idéia original era boa, na visão de Mestre Paulo. Contudo, o acordo não foi cumprido e os CREF's abriram as portas para que qualquer pessoa pudesse fazer os cursos sem nenhuma intervenção das federações. Para a inscrição e posterior obtenção do denominado registro de “profissional provisionado” pelos CREF's,

bastava apresentar uma declaração que atestava a ligação do candidato com alguma academia, por exemplo. Isso permitia que pessoas que treinavam ou davam aulas há pouco tempo pudessem obter o registro. Leo Imamura, então, bloqueou o processo na FPKF e foram realizadas, com a participação de Paulo, diversas audiências em Brasília com a presidência e diretora do sistema CREF/CONFED e com as federações de Kung Fu, Karate e outras artes marciais.

Diante das discussões, outra proposta dos Conselhos foi a presença de um profissional de Educação Física em escolas de artes marciais como uma espécie de supervisor. Ela foi questionada levando-se em consideração que, por mais que tivessem uma boa formação, os graduados em Educação Física e registrados no CREF não seriam capazes de avaliar o trabalho dos mestres, pois grande parte deles não sabe sequer realizar uma das formas padronizadas das artes marciais e tampouco possuem desempenho semelhante dos instrutores, professores e mestres no que se refere a exercícios físicos. Mesmo no que se refere a questões posturais, de conhecimento do corpo humano, de primeiros socorros, entre outras, os mestres possuem saberes desenvolvidos no interior da própria prática e em decorrência dela, como a acupuntura. Assim, para que esses saberes pudessem ser seriamente levados em consideração, seria necessário distinguir um mestre, que possui mais experiência, daqueles que devem reconhecer humildemente que estão apenas começando.

Desse modo, a proposta dos Conselhos passaria por cima do trabalho dos mestres e desvalorizaria sobremaneira o seu papel nas artes marciais, além de não levar em consideração as autoridades máximas das federações e confederações. Mestre Paulo, inclusive, chegou a perder alunos para o CREF. Um deles, que treinava há cinco anos, se inscreveu nos cursos do Conselho e informou:

— Olha, Mestre Paulo. Hoje eu tenho autorização do CREF para poder dar aula, então não preciso mais de mestre.

Com o que havia aprendido com o mestre e em posse do registro, o aluno foi dar aulas em uma academia de ginástica como profissional terceirizado. O estabelecimento aceitou o aluno por possuir o documento, mas não aceitou Paulo, pois ele não era registrado no Conselho. Entretanto, a causa contra os CREF's foi ganha e atualmente os Conselhos não mais proíbem o trabalho nem fecham estabelecimentos de quem não é profissional provisionado. Tal batalha também se estendeu, além das artes marciais, para aqueles que trabalham com dança e capoeira e o CREF também não tem autorização para fiscalizar essas áreas. Mesmo assim, existem aqueles que possuem a autorização dos Conselhos e que ainda lecionam.

Olhando retrospectivamente para sua vida, Mestre Paulo agradece a Deus e à sua própria sinceridade, humildade e honestidade por ter crescido tanto nas artes marciais. Com essas qualidades, conseguiu muitas coisas boas sem prejudicar ninguém, mesmo porque teve muito exemplos de pessoas que enganaram, mentiram, usurparam e depois foram descobertos. Uma pessoa em particular, tinha mais de 600 alunos, com prédio próprio e, hoje em dia, nem academia possui. É uma lição que se aprende tardiamente. Se tivesse realizado um trabalho honesto, estaria muito melhor, inclusive financeiramente. Até mesmo seus alunos estão em melhor condição do que ele. Mestre Paulo lamenta a situação e até hoje ainda ajuda essa pessoa.